

PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA DE LETRAS DE MÚSICA DE FORRÓ PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Elaine da Silva Reis -UFPB
elainereis1406@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A música, enquanto bem cultural, é um sistema simbólico de comunicação inter-humana que funciona como uma ferramenta eficaz na disseminação das “vontades de verdade” que constituem diversas identidades, podendo difundir estereótipos positivos ou negativos dessas identidades no imaginário social.

Pensando nisso, a presente pesquisa tomou as letras musicais desse gênero como objeto de leitura a ser trabalhado no contexto escolar, por se tratarem de textos pouco explorados nesse universo, a fim de desenvolver junto aos alunos do Ensino Médio atividades de leitura que contemplem a observação da imagem da mulher que o gênero música de forró vem disseminando em suas letras, por serem textos que apresentam discursos aparentemente naturais, mas que estão atravessados por “vontades de verdade” que acabam influenciando e auxiliando na modificação de opiniões e de posicionamentos.

Tomar as letras de música de forró como objeto de estudo na escola é uma forma de levar os alunos a questionarem e desvelarem as “vontades de verdade” presentes nessas fontes propagadoras de discursos. Esses textos, enquanto materialidade discursiva, precisam ser lidos como um produto sócio-histórico e ideológico que se concretiza com a história e com a memória.

Sendo assim, o presente trabalho apresenta os conceitos fundamentais para que se desenvolva um trabalho de leitura discursiva e, em seguida, traz uma proposta de leituras discursivas com letras de música de forró para ser desenvolvida junto a alunos do Ensino Médio.

2. A LEITURA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Fundada por Michel Pêcheux, a Análise do Discurso de linha francesa (AD) se constitui como uma prática política de leitura que busca ler o texto em sua discursividade, em sua filiação com o real e a história, relacionando-o a sua

exterioridade que se constitui, segundo Pêcheux (1997, p. 258), “um ‘exterior’, bem diferente, que é o conjunto dos efeitos, na ‘esfera da ideologia’, da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas”.

Assim, a língua deixa de ser vista como mera representação do pensamento ou origem de todos os significados, para ser concebida como um instrumento de conflito, de confronto ideológico, como um espaço no qual se produzem formas de representação, ideias e valores de uma sociedade. Na AD, a linguagem passa a ser vista como um meio propício para a veiculação de ideologias que se instauram através das formações ideológicas e das formações discursivas que compõem o discurso.

Na AD, o texto é visto como um processo produtor de vários sentidos e diferentes (não quaisquer) leituras que se relacionam dialógica e interdiscursivamente com outros textos filiados à memória. De acordo com Gregolin (2003, p.47) “a parição de um texto só se completa quando um leitor o insere na ordem da história, deslocando-o do lugar onde jaz reclamando sentidos”.

Logo, para se completar, além da condição de produção que se estabelece a partir da formulação textual (intradiscurso) e da memória do dizer (interdiscurso), o texto necessita do sujeito autor e do sujeito leitor, tendo em vista que ambos ocupam uma dada posição histórico-social.

Embora tendo um papel significativo frente à produção de sentido, faz-se necessário destacar que os sujeitos não podem fazer qualquer leitura, já que os sentidos não pertencem ao leitor, nem estão abrigados no texto, mas podem ser recuperados através das marcas presentes na superfície textual.

Nesse sentido, Sírio Possenti (2001, p. 28) afirma que a “AD não acredita que haja sujeitos individuais que leiam como querem, mas sim que há grupos de sujeitos (situados em determinada posição) que lêem como lêem porque têm a história que têm”.

Diante disso, compreende-se que o leitor não é totalmente livre para ler o que quiser em um texto, mas o que puder, devido ao condicionamento sócio-histórico e ideológico. Como materialidade discursiva, o texto está relacionado às condições de produção, às formações ideológicas e aos gêneros do discurso.

3 VONTADES DE VERDADE E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Compreendendo que a construção identitária se dá a partir da memória social, do contexto histórico e do que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social, esta dissertação toma a concepção defendida por Foucault (1999) de discurso como um conjunto de enunciados apoiados na mesma formação discursiva.

Esses enunciados são disseminados no meio social através das relações de comunicação, que são responsáveis pela transmissão de “uma informação através da língua, de um sistema simbólico” (FOUCAULT, 1995, p.240). Tais relações estabelecidas na e pela linguagem propagam determinadas “vontades de verdades” que figuram como verdade em dado momento sócio-histórico e ideológico.

As “vontades de verdade”, segundo Foucault (2004, p.282), são um “conjunto de regras de produção de “verdade”, pois, para o autor, não existe uma verdade absoluta, mas “temas fabricados em um momento particular da história”, conforme se pode ver, por exemplo, na literatura, na mídia ou nas letras de música. O filósofo compara a verdade com um jogo que não tendo apenas o sentido de imitar ou de repetir, significa um conjunto de procedimentos que conduzem a certo resultado.

Essas “vontades de verdade”, alicerçadas nas relações de poder, auxiliam na constituição dos indivíduos em sujeitos, através dos jogos de verdade. Essa premissa faz com que se chegue ao pressuposto de que as “relações de comunicação”, pautadas nas “relações de poder”, comportam modelos ideais de comportamento que, privilegiando dadas representações sociais, são propulsoras das “vontades de verdade” que buscam modelar determinadas identidades, como a da mulher.

4 PROPOSTA DE LEITURAS DISCURSIVAS

Após selecionar as letras de música de forró a serem trabalhadas com a turma, é importante iniciar a sequência das atividades de leituras discursivas, realizando uma atividade de sondagem coletiva sobre o que os alunos já conhecem sobre o forró, a exemplo de cantores e bandas e das temáticas das letras musicais.

Em seguida, o professor pode passar ao desenvolvimento da primeira atividade de leitura, sem qualquer tipo de mediação, sobre uma letra de música de forró, a fim de observar as leituras iniciais dos alunos.

Dando continuidade, o professor pedirá à turma que escolha (da coletânea entregue previamente) algumas músicas de forró para serem lidas e discutidas coletivamente. Após a seleção feita pelos alunos, o professor solicitará a realização de uma leitura silenciosa de cada música e orientará os alunos a destacar o que chamou mais atenção no decorrer da leitura feita individualmente para que, em seguida, possa ser socializado para a turma.

Feito isso, o professor solicitará a exposição das leituras, lembrando aos alunos sobre a importância de, naquele momento, atentarem mais para a composição do que para o ritmo das músicas.

Posteriormente, o professor partirá para a intervenção de uma proposta de leitura discursiva, através da qual se busque, seguindo as ideias de Courtine (2006, p. 27), interrogar as maneiras de ler dos alunos, tratando o lugar do sujeito leitor como problema. Para tanto, é fundamental lançar mão de outros gêneros discursivos que regularizam discursos que sedimentam estereótipos que constituem a identidade de algum sujeito, a exemplo do negro, do pobre ou do aluno.

Para analisar discursivamente, segundo Courtine (2006, p. 27) “é preciso encontrar textos que incomodem”. Pensando nisso, esses textos devem possibilitar aos alunos a reflexão sobre a representação de outros sujeitos. Nesse momento, deve-se solicitar aos alunos destaquem o tema abordado nos textos e identifiquem as identidades dos sujeitos, representados através dos personagens.

Em seguida, o professor pedirá à turma que atente para as críticas feitas em cada um desses gêneros em relação ao sujeito ali representado e se posicione, mostrando se concorda ou não com as críticas que são apresentadas e justifique.

A partir dessas indagações, o professor chamará a atenção dos alunos para os discursos que perpassam o dito e o não-dito, de modo que percebam que os sentidos de um texto se constroem na relação com outros textos, através da repetição de determinadas vontades de verdade e estereótipos que marcam a identidade dos sujeitos na sociedade.

Por fim, com base na discussão realizada no encontro anterior, será solicitado que os alunos voltem para a leitura das letras de música de forró, selecionando uma música de forró para que registrassem suas leituras, com base no que fora discutido nos outros gêneros discursivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse tipo de atividade de leitura é importante para instigar os alunos a refletir sobre os sentidos que perpassam os diferentes textos na sociedade, pensando o contexto sócio-histórico e ideológico, sobre as “leituras únicas” que são apresentadas nos textos, de modo a fortalecer alguns discursos que contribuem para a imposição de determinadas imagens depreciativas sobre esse sujeito na sociedade, a exemplo do sujeito mulher nas letras de música de forró.

As atividades de leituras discursivas permitem observar juntamente com os alunos do Ensino Médio não apenas o que está explícito, mas, sobretudo, os discursos que atravessam o dizer dos textos, para que possam levar essas considerações para a leitura de outros textos a fim de observarem, sobretudo, questões relacionadas à imagem e ao papel dos sujeitos na sociedade.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Paulo: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. *Ética, sexualidade e política*. Trad.: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e Escritos vol. IV.

GREGOLIN, M. R. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In.: GREGOLIN, M. R. e BARONAS, R. (Org.) *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2003. P. 47-58.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 1997.

POSSENTI, S. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, M. (org.). *Ler e navegar; espaços e percursos da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.